



REPRESENTAÇÕES DISTINTAS DA PERIFERIA DE PALMAS: O DISCURSO PELAS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS E PELA IMPRENSA TRADICIONAL¹

Anderson de Souza ALVES²

Sergio Ricardo SOARES³

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo fazer um comparativo entre reportagens em vídeo sobre a periferia da cidade de Palmas-TO a partir de duas fontes totalmente distintas: TV Anhanguera (filiada a Rede Globo) e o projeto Telinha de Cinema (realizado pela ONG de educação midiática Casa da Árvore). Passando por apontamentos técnicos, estéticos e sociopolíticos como pano de fundo da cidade, problematizamos a configuração dos espaços urbanos nas representações midiáticas de zonas periféricas. Sabemos que os conteúdos falam sobre o mesmo espaço dentro da cidade, então por que vemos periferias diferentes?

PALAVRAS-CHAVE: representações midiáticas; vídeo de bolso; vídeo-reportagem

As definições do que é cidade são tão distintas e amplas quanto os indivíduos e grupos que nela vivem. As cidades não podem ser definidas, por exemplo, através da noção de um simples espaço no qual as pessoas se organizam, “é muito mais que um simples conjunto de elementos visuais e palpáveis (pessoas, construções etc), mas também um complexo conjunto de relações que se estabelece entre esses elementos [...]” (GONÇALVES JR., SANT’ANNA, CARSTENS, FLEITH, 1990, p.9).

Para o sujeito, refém desse emaranhado de relações, a cidade é apresentada e representada de diversas maneiras e uma das representações mais presentes na vida contemporânea são aquelas feitas a partir dos meios de comunicação. Aliás, esses meios compõe o que Canclini chama de “simulacros de totalização”, pois “[...] o rádio, a televisão e Internet – que são redes parcialmente deslocalizadas – constroem relatos de localização” (CANCLINI, 2008, p.20), ou seja, representam tentativas de compor uma

¹ Trabalho apresentado no IJ4 – Comunicação Audiovisual do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFT, email: andsalves@mail.uft.edu.br.

³ Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFT, email: muntjac_@hotmail.com.



imagem mais unificada da cidade ligando de maneira relativamente linear e coerente os espaços.

Por isso mesmo, os meios de comunicação e seus discursos, ou simulacros, têm um papel fundamental para a composição do imaginário da população interna e externa sobre a cidade em questão:

O imaginário não é apenas a representação simbólica do que ocorre, mas também um lugar de elaboração de insatisfações, desejos e busca de comunicação com os outros. Os desequilíbrios e incertezas engendrados pela urbanização que desurbaniza por sua expansão irracional e especulativa parecem compensados pela eficácia tecnológica das redes comunicacionais (CANCLINI, 2008, p.21).

Por esse motivo, tomamos as representações da cidade através das mídias como expressão e reflexo de conflitos, bem como ponto de vista de quem as produziram. Mas, para tal, é necessário estabelecer uma diferenciação entre os meios de comunicação dominantes (rádio, televisão e internet), porque cada um deles possui modos operacionais distintos e nem sempre em sintonia entre si. Além disso, e de fundamental importância para esse estudo, também vemos a necessidade de fazer uma oposição entre esses mesmos meios: de um lado, colocamos o rádio e a televisão como fontes de representação institucional (o mesmo poderia ser dito a respeito do jornal impresso); do lado oposto, colocamos a internet, sob o recorte das informações emitidas a partir do cidadão (blogs, videoblogs, podcasts etc). A oposição se mostra possível pelo fato de que os primeiros podem representar os interesses de empresas e grupos mais estabelecidos enquanto o segundo pode representar os interesses da população geral, ou pelo menos de parte dela, através de meios de produção cada vez mais acessíveis a um grande público. Obviamente não nos esquecemos da existência de tevês, jornais e rádios comunitárias, bem como dos grandes portais de notícias na internet, mas frisamos que este não é o nosso recorte.

Outro ponto importante que devemos destacar a respeito da oposição é sua aplicação a nossa amostragem em vídeo-reportagens: de um lado colocamos as matérias produzidas pelos alunos do projeto Telinha de Cinema, realizado por uma ONG em Palmas-Tocantins, que usa celulares e câmeras digitais para a produção dos chamados vídeos de bolso, editados em softwares livres; e de outro as matérias da série especial Palmas Minha Cidade, produzidas e originalmente veiculadas pela TV Anhanguera (emissora afiliada e retransmissora da Rede Globo) sobre as diversas regiões também da



cidade de Palmas durante o V Fórum Palmas Minha Cidade, em 2009. O critério de escolha do material para análise, de ambos os lados, deu-se pela seleção dos vídeos que têm como tema e cenário uma das regiões periféricas da cidade, os bairros Aurenly I, II, III, IV e seus arredores. Sendo fontes distintas (os moradores da periferia e as editorias do telejornal local de maior audiência), acreditamos, a princípio, que cada grupo expõe seus próprios interesses.

Ainda devemos lembrar que ambos os eixos de produção possuem espaços diferentes para divulgar seus produtos midiáticos. No caso das reportagens da série Palmas Minha Cidade, sua veiculação se deu pelos telejornais locais da emissora. Já os vídeos de bolso, bem como todos os conteúdos na web (BUNZ, 2007), pertencem a um paradigma diferente, pois seu suporte é a internet e sua divulgação se dá principalmente a partir das redes sociais e sites de armazenagem e compartilhamento de arquivos. Ressaltamos que, mesmo com a existência das reportagens da série Palmas Minha Cidade no Youtube, elas se diferem das demais, porque não foram produzidas especialmente para a *web*. Por isso, nos pareceu interessante e necessário analisar a representação audiovisual da cidade nesses contextos midiáticos efervescentes, para um mapeamento prévio dos discursos audiovisuais sobre a cidade de Palmas. Essa necessidade se dá por vários fatores inerentes às cidades *ex nihilo*, ou seja, aquelas construídas a partir do nada e de maneira não espontânea (REIS, 2011). Esse tipo de cidade carece de tradições e culturas ecoadas a partir de uma história que remeta a um passado distante. Assim, vemos essas mesmas dimensões em fase de estabelecimento, especialmente em Palmas, nascida numa época em que a tecnologia se encontrava bastante avançada, e que possui registros de fundações disponíveis em vídeo. De mãos dadas com o urbanismo, que de certa forma “penetra tanto no íntimo de cada indivíduo como no âmago da estrutura da cidade e da civilização” (GONÇALVES JR., SANT’ANNA, CARSTENS, FLEITH, 1990, p.11), tentamos entender que pistas a produção videográfica dá sobre esses processos culturais e comunicacionais acontecidos nesse espaço específico que até pouco tempo era cerrado goiano.

Trazemos à nossa fundação teórica alguns dados históricos: a construção de Palmas se deu após a emancipação da região que compõe o estado do Tocantins (antes pertencente ao Goiás), no ano de 1989 para ser sede de governo do novo estado. Até o presente momento (vinte dois anos depois), a cidade ainda encontra-se em construção das suas estruturas mais básicas, tanto físicas quanto culturais (REIS, 2011).



Observamos que os conceitos de instabilidade, descentralização e fragmentações, característicos da pós-modernidade (HALL, 2001), se materializam neste espaço, por ser habitado por migrantes de diversas partes do Brasil, que trazem em si suas culturas regionais adaptadas para outro espaço. Claro que as adaptações dessas práticas neste novo lugar ganham novos significados e talvez novos elementos a partir da mistura com outras culturas (CANCLINI, 2003). Por isso, podemos dizer até que Palmas é uma amostra em proporções micro e mais regionais do resultado imediato das migrações nas megacidades como São Paulo, Nova York e Berlim. Os migrantes vêm à cidade com a promessa de trabalho e melhores condições de vida com o boom de oportunidades em diversos ramos, mas precisam achar uma maneira diferente de expressar suas culturas. Paralelamente, existe um forte discurso político, de certo modo autoritário, que frisa a “sua versão da história” e aproveita-se da visibilidade pelos meios de comunicação para expressar-se. Estamos aqui falando dos grupos políticos que estavam no poder antes, durante e depois da emancipação do Tocantins e da construção de Palmas, que reivindica seu lugar na História (REIS, 2011) lançando mão de falas mais diversas, sobretudo sobre o desenrolar da História, da política e até mesmo da arquitetura monumental.

Por todos esses motivos, acreditamos que a análise dos produtos audiovisuais feitos sobre a cidade de Palmas pode expor essa imagem conflituosa. Também por conta dessa instabilidade, na qual memórias históricas e pessoais são acumuladas e manipuladas por grupos diversos, adquirindo assim novos significados ou até mesmo fadados ao esquecimento, acreditamos que a análise qualitativa desses fragmentos discursivos pode contribuir com um legado histórico que muitas outras cidades não tiveram na época de suas fundações.

Fontes de representação videográfica de palmas: discursos fragmentados

As representações da cidade de Palmas, através do audiovisual, continuam se convertendo em objetos de estudo interessantes quanto às questões das narrativas históricas sobre a cidade. As atribuições de significados feitas por cineastas tocantinenses já foram observadas do ponto de vista da contraposição à narrativa oficial



(SOARES, SOUZA 2011; SOARES, COELHO, SOUZA, 2012). Apresentando contradições e qualificando as condições técnicas e tecnológicas como garantia de registros históricos dos acontecimentos, a filmografia tocantinense é responsável pela construção de sentido numa era de apropriação tecnológica. Identificamos os responsáveis pela veiculação dessas mensagens os festivais de curta-metragem ainda emergentes (Festival Chico, Cine Miragem, por exemplo), além de fontes como o acervo do projeto Telinha de Cinema, muitas destas encontrados na *web*, realizado pela ONG Casa da Árvore; a imprensa (TV Anhanguera e Redesat, entre outras) e, sobretudo, acervos pessoais – o que de certa maneira dificulta o trabalho do pesquisador dando margem a lacunas.

Elas têm o mesmo peso quanto à credibilidade? Sabemos que a representação audiovisual é um recorte, uma mensagem bem específica e parcial sobre determinado assunto (NUNES, ALVES, 2011). Sendo assim, um discurso organizado na forma de audiovisual pode revelar tanto da visão sobre os fatos, quanto do recorte dado pelo grupo que produziu o vídeo. Em outras palavras, podemos prever como consequência a possibilidade dessas representações parciais apresentarem ou até mesmo imporem “verdades” quando exibidas em suas respectivas mídias, sobretudo nas mais “poderosas”, como as da imprensa tradicional local.

Os grupos que produzem conteúdos informativos, especialmente sobre fatos jornalísticos, possuem, além de outros recursos, aparatos tecnológicos que lhes garantem a repercussão. O grupo Jaime Câmara, responsável pela TV Anhanguera, por exemplo, tem concessão para televisão (retransmissão da Rede Globo), rádio (CBN Tocantins) e jornal (Jornal do Tocantins); assim, o que parece uma variedade de produtos e diferentes fontes de informação na verdade são fragmentos de um grupo maior. E a superestrutura vai além, pois o grupo Jaime Câmara é parte do grupo Rede Globo. Feita essa relação estrutural entre os membros que compõem o que na verdade é um grande emissor e circulador de informações de proporções muito abrangentes, nota-se uma ordem à primeira vista insuperável das mídias tradicionais.

Por sua vez, a internet, mesmo sendo um meio de comunicação de modo geral popular, num contexto como o da periferia de Palmas, está mais vinculada às novas gerações, segundo rastros do projeto Telinha de Cinema. O acesso à tecnologia não tem se mostrado um grande problema nas cidades porque, mesmo para aqueles que não possuem computador em casa, não faltam outros pontos de acesso onde se possa



conectar, como em escolas, lan houses e internet móvel 3G através do celular. A emergência da informática com o desenvolvimento dessas várias maneiras de se conectar elevou a internet à fase 2.0, cuja uma das principais características, e que aqui nos interessa, é a participação do usuário na produção e compartilhamento de conteúdo. Mais do que uma nova dinâmica da interação do sujeito com os meios de comunicação, “este momento histórico vem demonstrando novas formas de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção cooperativa de conhecimento” (PRIMO, 2006, p.1).

Representação das periferias de Palmas pela imprensa profissional

Quando atribuímos o termo “imprensa profissional” nos referimos às reportagens produzidas pela equipe de jornalismo da TV Anhanguera para a série especial Palmas Minha Cidade, veiculada na TV em 2009, nas edições do Jornal Anhanguera, mas que se encontram disponíveis no canal do Youtube “TV Minha Cidade”. São reportagens produzidas para um veículo jornalístico e por isso as chamamos de profissionais. Também importa apontar que a série esteve a serviço do V Fórum Palmas Minha Cidade, que objetivava a discussão sobre problemas e soluções para o desenvolvimento da cidade, audiências públicas com profissionais e sociedade. Foram os realizadores desta edição do evento o Jornal do Tocantins, a Prefeitura de Palmas e o Centro Universitário Luterano de Palmas, com efeito, representantes da imprensa, do governo e da academia.

Vamos então à análise de conteúdo das duas reportagens especiais produzidas na chamada região dos Aurenys. A primeira, Especial Aurenys e Irmã Dulce, como supõe o título, reúne os bairros Aurenys I, II, IV e setor Irmã Dulce. Já a segunda é dedicada ao bairro Aurenys III – talvez por se tratar do maior bairro da cidade, mereceu uma reportagem exclusiva. Obviamente muitas semelhanças entre as duas foram encontradas, não só nos temas como nas representações imagéticas, pois, adiantando uma breve conclusão, todos os bairros são muito parecidos, certamente por serem vizinhos.



Começamos então nossa análise com a reportagem Especial Aurenys e Irmã Dulce. De modo geral, essa reportagem problematizou as vantagens e desvantagens de se viver nos bairros representados buscando falas e imagens de moradores, reiterando dados de uma pesquisa de opinião feita pela organização do V Fórum Palmas Minha Cidade, frequentemente citados na reportagem. Quando não há entrevistados ou a repórter, os planos apresentam imagens, geralmente em *travelling*, de um intenso tráfego de pessoas e veículos nas ruas e avenidas. Com isso, vemos claramente um reforço da edição quanto à intenção de apresentar um ambiente relativamente harmônico, apesar de deficiente. São dadas ênfases nos seguintes assuntos: comércio, segurança saúde, meio ambiente e educação, ilustrados com as seguintes características:

Vemos um comércio bem estabelecido e movimentado, porém algumas falas apontam uma ausência de serviços básicos, sobretudo bancários pela falta de agências. Para esse tipo de atendimento a população precisa ir até outras regiões da cidade. A segurança é outro fator apontado como um problema que demanda mais atenção do poder público quando vemos e ouvimos entrevistado falarem da necessidade de mais policiamento nas ruas. A saúde é tida como ineficiente no que diz respeito ao atendimento de todos que necessitam do serviço. A ênfase maior neste assunto é visível quando vemos um canteiro de obras apresentado como a construção atrasada de um hospital regional. A questão ambiental é mostrada sem prolongamento, exemplificada no caso de um córrego que cruza os Aurenys e, dado o descuido de parte dos moradores, deteriorado pela poluição. Também brevemente, comenta o mal cuidado com as praças públicas da região como saldo negativo ao lazer dos moradores. A educação ganha várias ilustrações quando vemos uma sala de informática de uma associação de moradores, imagens e falas sobre a qualidade de colégios de tempo integral, aparentemente bem estruturados, e a apresentação de informações sobre um baixo índice educacional da população. Porém existe nessa parte uma contradição, pois uma legenda expõe a satisfação de 13% da população (número muito baixo), enquanto a repórter diz, generalizando, que a população está satisfeita.

Ao fim da reportagem, há um esforço narrativo em trazer de volta as qualidades e o afeto da população pelos bairros. Um comerciante afirma que há uma necessidade dos moradores valorizarem e reconhecerem as Aurenys como parte de Palmas – indicativo de uma ideia não explicada no vídeo, mas consenso de parte da população quando se refere ao Plano Diretor como a própria cidade de Palmas, em oposição à região sul



como Aurenys e/ou Taquaralto (outro bairro importante e periférico da cidade). Por fim, é retomada a imagem de uma entrevistada que abriu a reportagem, a Professora Albetiza, fechando com ares melodramáticos ao ser mostrada como representante dos moradores pioneiros da região, escritora que tem como inspiração de suas obras as histórias dos moradores dos Aurenys e os próprios bairros.

A reportagem representa bairros bem estabelecidos em certos aspectos, mas deficientes em outros. Representa também uma população, apesar de adversidades, aparentemente feliz de viverem na periferia, formando a imagem de um povo consciente dos problemas dos bairros e que são atores sociais da mudança. A própria repórter, logo no início do vídeo lança uma afirmativa sobre a população do bairro: “tem sonhos, problemas e preocupações, que trabalham pelo sustento, que gosta de se divertir e que quer ver a cidade que mora melhor”.

A segunda reportagem é intitulada Especial Região do Aurenys III, mas também inclui os setores Taquari e Lago Sul. Vemos uma região não muito diferente da anterior, com contrastes, em planos que mostram locais com infraestrutura em oposição a setores que sofrem do contrário (a mais visível é a falta de asfalto em ruas). Os entrevistados foram bem inseridos no ambiente de maneira que os planos puderam aproveitar a composição integrando-os. Também é notável o uso frequente dos indicadores da pesquisa de opinião do V Fórum Palmas Minha Cidade para suas afirmações. A região é mostrada então como carente de infraestrutura, mas com pessoas, dada à última fala otimista da narradora, representadas como um povo consciente e crítico da sua realidade. Os problemas enfatizados são: a falta de infraestrutura, de segurança, falta de atendimento dos serviços de saúde e de serviços básicos que não atendem toda a população dos setores.

O tema infraestrutura abre a reportagem quando um entrevistado relembra, como morador pioneiro, as fundações dos bairros. Ele aponta melhoras ao longo do tempo como a chegada de asfalto e aumento na intensidade das atividades comerciais, mas, com o crescimento populacional, os serviços, também com ênfase nos bancários, não aumentaram na proporção adequada. Neste momento a repórter também indica que o Aurenys III é o bairro mais populoso e mais extenso de Palmas, reiterando a ideia do vínculo de causa/efeito do problema: população demais, infraestrutura de menos. O poder público é colocado como responsável por uma solução. A informação de que



outras regiões acabaram anexadas ao bairro, surgindo como novos setores, entre eles o Taquari, é apresentada como justificativa do aumento populacional.

A falta de segurança aparece em dois momentos distintos. Um deles pela fala de pessoas do ramo do comércio e outra quando é abordado o problema da violência no ambiente escolar. Um personagem, administrador de um quiosque da região comenta o assunto enquanto o vemos diante de seu estabelecimento, protegido com grades. A questão da violência nas escolas é colocada quando entrevistados falam da incidência de brigas entre alunos envolvendo, inclusive, armas brancas e de fogo. A questão ainda se desdobra, retomando à falta de infraestrutura, por falas de pessoas que se sentem inseguras com a pouca iluminação ou falta dela em certas ruas durante a noite. Novamente o poder público é chamado para dar uma solução ao problema. O próprio administrador do quiosque volta a opinar e afirma que não há na região projetos culturais e educacionais voltados para a juventude, como alternativa para os jovens não aderirem a práticas criminosas. Assim como na reportagem anterior, as pessoas dessas regiões reclamam com maior grau de urgência da falta de atendimento nos postos públicos de saúde. O atendimento a estes serviços não é eficiente por não suportar a atual demanda, além de apresentar certo caráter de denúncia, contido em falas que apontam o mau comportamento de médicos durante o trabalho. Por fim, volta-se à questão da falta de serviços básicos (ênfase nos bancários e de saúde) para a população.

Não apresenta muitas diferenças em relação à reportagem anterior quanto ao conteúdo de assuntos abordados. Imagetivamente as diferenças também são poucas, salvo as imagens que mostram os novos setores carentes de infraestrutura básica como asfalto e áreas de lazer. Também vemos as improvisações das populações dos setores menos favorecidos que arrumam alternativas para fazer uso do espaço público, como é o caso do campo de futebol improvisado no setor Taquari, muito valorizado como cenário de diversão de crianças. Portanto, a diferença significativa desta reportagem para a outra é a ênfase maior nos setores menos privilegiados. O espectador pode então, através das duas reportagens, ter a imagem de setores carentes de infraestrutura, mas densamente habitado.



Representações das periferias de Palmas pela própria periferia

As vídeo-reportagens produzidas pelos alunos do projeto Telinha de Cinema, não deixam muito a dever às do Jornal Anhanguera em muitos aspectos e noutros vai além. Do ponto de vista “profissional” vemos claramente uma divisão de tarefas entre os membros das equipes, na busca por uma diversidade de fontes de informação. Detalhes chamam atenção para o cuidado na escolha das imagens que as equipes desejam mostrar por elementos metalinguísticos. Da mesma maneira que as reportagens do JA, o espaço público foi o tema central dos alunos do Telinha de Cinema e as semelhanças quanto às escolhas dos assuntos não param neste ponto. Mesmo tendo analisado quatro reportagens do projeto, duas a mais que do JA, cada uma tratou de um assunto específico, mas em comum com suas opositoras da imprensa profissional. Dividimos os temas destas reportagens em: comércio na região dos Aurenys, lazer nas praças e bares da região sul, segurança nas escolas do bairro Aurenys III e novas práticas pedagógicas no Colégio de Tempo Integral CAIC.

No campo da economia vemos uma representação dos comerciantes locais na discussão de um tema bem específico da categoria e que repercute na cidade de modo geral: o que mudou com a chegada das grandes redes atacadistas em Palmas? Vemos uma divisão muito clara dos subtemas desta reportagem que, aos poucos, são apresentados pelas falas dos entrevistados. De início há uma narração introdutória acompanhada de fotografias das instalações de redes atacadistas. Uma voz off fala sobre a chegada destas redes à cidade e problematiza a questão do movimento nos pequenos comércios. Vemos então comerciantes em seus estabelecimentos (inclusive durante o exercício do trabalho) e pessoas nas ruas; quatro depoimentos são favoráveis à chegada das redes atacadistas com a justificativa de trazerem mais opções para o consumidor e para o próprio comerciante em menor escala. Mas a problemática se direciona para outro ponto, com toques de denúncia, no momento em que a primeira entrevistada contrária às redes atacadistas expõe o fato destas serem livres de alguns impostos, ao contrário dos pequenos comerciantes. As falas seguintes mostram pessoas se manifestando contra esta desvantagem. A fala final não é totalmente otimista, pois uma das integrantes da equipe se dirige a câmera afirmando que o pequeno comércio na região sul não foi tão afetado quando o do plano diretor, alguns deles, inclusive,



chegando a falir. A reportagem também apresenta pelo menos dois momentos de metalinguagem, um deles quando uma das integrantes da equipe conversa com uma mulher e, tendo à câmera em mãos encontra uma maneira de aparecer na imagem junto à entrevistada através de um espelho. O segundo momento acontece na cena final quando vemos um *travelling* da principal avenida da região e escutamos, enquanto isso, a fala de um membro da equipe dando ordens sobre o enquadramento da câmera.

A segunda reportagem analisada falta do cuidado com o espaço público com enfoque especial nas praças e bares da região sul. As praças são valorizadas e apresentadas como importantes para a população local por serem espaços para diversas atividades de lazer. Então, alguns problemas são apresentados e se desdobram em novos assuntos como descaso do poder público com estes locais e segurança pública em falta. Uma narração em off, acompanhada das imagens, apresenta as praças, apontam sua importância e para sustentar suas afirmativas traz falas de entrevistados nestes espaços. Os primeiros são dois homens sentados numa mesa de bar que falam sobre a diversão encontrada nos bares da região, apresentados como lugares nos quais as pessoas fazem amizades (a referências aos bares termina neste momento). Temos em seguida uma entrevistada trabalhando supostamente dentro de um quiosque de praça, falando para a equipe; ela se diz favorável pela existência do espaço, mas reclama da falta de policiamento, principalmente durante a noite. Então, as praças são mostradas como ambientes contraditórios já que, ao mesmo tempo, são boas (ambiente para todos) e ruins (ambiente degradado e pouco seguro em certos períodos). Soluções apontadas por entrevistados falam em reformas, limpeza constante e monitoramento mais atento de policiais ambulantes. Algumas crianças são entrevistadas brincando em aparelhos de ginástica e mencionam o frequente uso do espaço. Vemos também a inserção de trilha sonora quando uma melodia, em notas de piano, acompanha uma fala sobre a degradação da praça. A reportagem também contém alguns elementos metalinguísticos como numa parte em que vemos uma das integrantes da equipe dar uma sugestão de ângulo da câmera durante a fala dos primeiros entrevistados, na mesa de bar.

A terceira reportagem fala ao mesmo tempo sobre dois temas, de maneira intimista, que são a segurança e o ambiente escolar, que estão relacionados. São discutidas as medidas adotadas por um colégio de tempo integral, principal cenário da reportagem, no combate a violência entre os próprios alunos. São apontadas situações críticas que envolvem até mesmo a intervenção da polícia. A reportagem começa com



uma introdução ao tema trazendo informações sobre algumas ocorrências, entre elas, brigas entre alunos de diferentes escolas nos horários de saída. Alguns atores sociais deste contexto são então entrevistados, a maioria deles adultos. As imagens mostram seus entrevistados em pátios, em meio a atividades da escola com exceção de uma das entrevistadas, coordenadora do colégio, é mostrada numa sala fechada, e de um policial, que aparece num ambiente externo. As falas são apresentadas de modo a comporem uma mensagem redundante e, apesar da variedade de entrevistados, a abordagem não ganhou muita profundidade. A coordenadora, por exemplo, apenas explica quais medidas são tomadas dependendo da gravidade dos conflitos. Os professores repetem o mesmo discurso, com exceção de um, ao apresentar o judô como alternativa disciplinar. O único aluno entrevistado aponta alguns motivos para as brigas, incidentes envolvendo armas, mas vemos, num momento de interrupção, que este era, até certo ponto, guiado por uma pessoa da equipe de reportagem. Por fim, temos a opinião sobre educação de dois personagens: a coordenadora e o policial. Ambos afirmam que a questão deveria ser reforçada primeiramente no ambiente doméstico e pela família.

Ainda com tema educação, a última reportagem fala sobre novas medidas educacionais adotadas por um colégio no bairro Aurenny IV. Este colégio representa as unidades de tempo integral, espalhados por Palmas. Temos imagens de um ambiente escolar amplo e com uma enorme variedade de salas, atividades recreativas sendo executadas, e falas de professores e alunos que apoiam as novidades trazidas pelo modelo em tempo integral. Quando vemos uma reclamação a respeito da longa permanência dos alunos na escola, a colocação só o é por um momento, pois o aluno entrevistado que se diz contrário muda de ideia: primeiro diz não gostar de passar tantas horas na escola e depois, quando questionado se gosta das atividades artísticas muda de ideia. Então a reportagem representa um ambiente diferente, quase oposto, do colégio também de tempo integral abordado na reportagem anterior. Comparando os dois colégios, somos levados a acreditar que os problemas neste ou não existem ou foram omitidos. Vemos professores que aplicam métodos bem aceitos pelo público alvo e estudantes que se mostram passivos e majoritariamente integrados nas atividades extracurriculares oferecidas. Uma imagem expressa essa ideia muito bem quando vemos dezenas de alunos numa ampla sala cantando sob a regência de um maestro.



Portanto, embora os assuntos abordados por estas reportagens tenham sido praticamente os mesmos das do JA, as equipes o fizeram com um toque mais íntimo, tanto com seus entrevistados quando com seus meios de produção.

Considerações Finais

Através dessas reportagens vemos uma periferia palmense que possui muitas particularidades e a ausência de alguns estereótipos como o de extrema pobreza (quem sabe omissos). Na verdade, mesmo os lugares mais carentes de infraestrutura possuem marcas de um planejamento, como quase tudo na cidade de Palmas. As questões da segregação institucionalizada da população das periferias na cidade (REIS, 2011) aparecem com muita sutileza porque, quando vemos há narrativa sobre a fundação desses bairros, não se toca nas causas políticas que levaram a tal nem nas reportagens do Jornal Anhanguera e nem nas do Telinha de Cinema.

Assim nasce uma nova hipótese e, logo, uma nova problemática: a TV Anhanguera certamente é dona de um acervo que contém muitas informações a respeito de várias épocas, inclusive da emancipação do estado ou mesmo anteriores, mas, como pertencentes que são da imprensa profissional estão sujeitas as intervenções políticas como toda a imprensa. Já os alunos do Telinha de Cinema talvez sejam jovens demais para conhecer a história das fundações de Palmas principalmente aquelas não privilegiadas pela história oficial.

Como atividade pedagógica, os cursos oferecidos pelo Telinha de Cinema já se mostram como uma ferramenta para a possibilidade de exercícios de cidadania. Se os alunos do projeto conseguiram, com pouca qualificação, realizar abordagens semelhantes, em alguns aspectos melhores que as do Jornal Anhanguera, podem futuramente, e com mais facilidade, se aperfeiçoar. Como a tecnologia tem se inserido, ainda que devagar, no contexto educacional e, sobretudo, no próprio dia a dia da população, nos últimos anos uma nova ordem da informação se desenvolve nas cidades através dos relatos de localização mencionados por Canclini (2008). Por este motivo iniciativas como o projeto Telinha de Cinema seguem por um caminho interessante ao fazer o uso educativo da tecnologia. Do contrário o computador, o celular e a câmera



digital talvez fossem usados de maneira supérflua. Dadas essas condições é possível afirmar que as produções engajadas deste novo paradigma do vídeo têm armas o suficiente para confrontar a imprensa tradicional. Ainda que o jornalismo se defenda baseado em sua condição de profissão e instituição mediadora das informações oficiais na sociedade, as imagens (sejam fotos ou vídeos) podem abalar estruturas convencionais e hoje podem ser feitas e veiculadas por não profissionais, resultando numa “visão alternativa” dos fatos. Assim, as novas práticas de produção de vídeos sugerem novos rumos para o jornalismo institucionalizado como já é possível observar nos telejornais pelo Brasil a fora através da inserção de conteúdos produzidos pelo público.

REFERÊNCIAS

- BUNZ, Mercedes. **La utopía de la copia: el pop como irritacion**. Buenos Aires: Inerzona, 2007.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2003.
- _____. In COELHO, Teixeira (org). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- GONÇALVES JR., A.J., SANT’ANNA, Aurélio, CARSTENS, Frederico, FLEITH, Rossano. **O que é urbanismo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A: 2001.
- PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na web 2.0. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília, **Anais...** São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/20222>>, acessado em 24/03/2012.
- REIS, Patrícia Orfila Barros dos. **Modernidades tardias no cerrado: discursos e práticas na história de Palmas-TO (1990, 2010)**. 2011. 227f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.
- SILVA, João Nunes da; ALVES, Anderson de Souza. Ator social e personagem e suas implicações no documentário. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, 2011, Recife, **Anais...** Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2011. 1 CD-ROM.
- SOARES, Sérgio Ricardo; ALVES, Anderson de Souza; COELHO, Ana Amélia. Representações do lugar periférico no cinema contemporâneo brasileiro. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohling; PINHO, José Benedito (Org.). **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2012**. São Paulo: INTERCOM; Lisboa: Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, 2012. (prelo)



SOARES, Sérgio Ricardo; SOUZA, Anderson de. O lugar representado: o Tocantins no cinema de si mesmo. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 8, 2011, Guarapuava, Anais... Guarapuava: Unicentro, 2011. 1 CD-ROM.